



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR : EDUARDO LARCHER MARÇAL.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES--BARCELLOS

O PROBLEMA DA ESCOLA

Uniformidade da nossa escola. — Necessidade da sua diversificação. — O que deve ser a Escola primaria no Minho. — O ensino agricola regional. — Maneira de o praticar. — Os Jardins agricolas. — Palavras de uma circular governamental belga. — A communa de Scaarbeck. — A erudição livresca e o ensino pratico. — O que lucrariam os alumnos das nossas Escolas com o ensino agricola experimental. — A escolha de professores. — O professor das nossas escolas ruraes devia ser um lavrador moderno, pela intelligencia e pelo coração.

UM dos maiores vícios da nossa Escola primaria é a sua uniformidade.

Talhamos um modelo de Escola, com os seus programmas, os seus horarios, o seu methodo, o seu professor. E desde a foz do Minho até ao cabo de S. Vicente, a Escola que se encontra no nosso paiz é a *mesma* pelos seus programmas, pelos seus horarios, pelo seu methodo e pelo seu professor.

E, no entanto, como é intuitivo que uma mesma roupa não pode ficar igualmente bem a um burguez e a um operario, a um morador da cidade ou a um lavrador da aldeia, a um minhoto ou a um ribatejano, porque

cada um tem o seu modo de ser especial, o seu geito, o seu traje; assim é intuitivo que uma Escola não pode convir igualmente a todas as regiões do paiz: ás cidades e aos campos, aos centros industriaes, aos commerciaes e aos agricolas; ás terras latifundiares do Alemtejo e ás de pequena propriedade do Minho.

A *vida*, a actividade em que ella se exerce varia da cidade para os campos, do norte para o sul do paiz.

Não se *vive*, não se *produz economicamente*, não se *trabalha*, não se *pensa*, não se *actua*, da mesma forma, nas montanhas agrestes de Traz-os-Montes, nos valles floridos do nosso Minho ou nas planuras monotonas do Ribatejo.

E as qualidades, os conhecimentos necessarios para se luctar victoriosamente pela vida em um meio citadino, como Lisboa, Porto ou Coimbra, são bem differentes dos que se exigem em qualquer pequena aldeia, escondida em um recanto da provincia.

Por isso se a *vida* muda de região para região e de um meio para outro meio, a Escola que tem de ser uma preparação para a vida deve mudar tambem.

O nosso Minho é na sua parte rural essencialmente agricola.

Pois a *Escola primaria* deve tambem imprimir ao seu ensino um character essencialmente agricola.

Mas não *agricola* de um modo geral e

abstracto. Esse ensino deve ser *da agricultura necessaria á região*, dos processos de cultivo que as nossas terras exijam, dos aperfeiçoamentos de que a nossa rotina precisa.

Para esse fecundo ensino agricola não bastam esses compendios de agricultura adoptados nas Escolas officiaes.

E' preciso um outro compendio mais vasto, mais util, mais interessante: é o *jardim* escolar, onde pela observação e sobretudo pela experiencia, pela acção directa, o alumno aprenda a amar fortemente a terra, a seguir com carinho e com intelligencia o desenvolver das plantas; e sobretudo *a cultivar melhor* do que seus paes, a desprender-se *dos velhos processos*, praticando os mais novos e mais scientificos.

Ao lado de cada Escola rural devia existir uma gleba de terra destinada ao ensino agricola experimental dos alumnos, que se podia completar e aperfeiçoar pela visita das propriedades modelos da região, por palestras sobre agricultura etc.

Essa gleba de terra deve ser, como aconselhava, com um alto criterio, uma circular ministerial belga, ás communas: «uma escola para os alumnos e um modelo de cultura de legumes e fructos, para os habitantes da aldeia».

E muitas communas belgas seguiram esta sã e intelligente orientação.

A communa de Scaarbeeck tem por exemplo, um d'esses jardins agricolas de 300 metros quadrados, dividido em pequenas secções, cada uma para seu alumno que d'ella cuida, como um pequeno e sabio agricultor.

«São os alumnos, diz o sr. Albano Ramalho, no seu bello livro Impressões sobre as Escolas de França e Belgica, que plantam, semeiam, regam, fazem transplantações e sacham as diversas plantas. São elles que cuidam das arvores, podam e enxertam as de má qualidade: aprendem alli a applicar os adubos».

Como seria util e bello que junto a cada uma das nossas escolas ruraes que educam filhos de lavradores, houvesse um desses pequenos campos experimentaes, de estudo e applicações agricolas, que se accomodas-

sem á nossa região! Como isso valeria mais que toda a erudição livresca, sem base real, na vida, que um alumno vae aprender á *Escola primaria* e que os bojudos programmas officiaes exigem!

Esses jardins agricolas haviam de ir modificando as gerações dos nossos futuros lavradores: abrir-lhes-hiam os olhos e a boa vontade para os progressos da agricultura.

Dar-lhes-hiam conhecimentos uteis, praticos, para a sua vida e não os conhecimentos que a nossa Escola de hoje fornece, para uma vida imaginaria que o lavrador não viverá!

Incutiriam no coração das creanças, um espontaneo amor pelas plantas e um grande respeito e um grande carinho por ellas que a nossa creança de hoje não tem. Carinho e respeito que as festas da Arvore, por mais bellas e brilhantes, não lhes conseguem despertar, porque festas como são, duram um momento e em breve o seu effeito se apaga, como o tenue fumo dos foguetes.

E, como effeito immediato, esse ensino agricola experimental teria para a creança a superioridade pedagogica de todo o ensino intuitivo. Pois, como manda Herbert, ensinar-se-lhes-hia a agricultura directamente, mostrando-lhes a terra e os seus productos pela observação e pela experiencia, processo de ensinar «que prende e fere mais o espirito conquistando-lhe mais facilmente a attenção» e despertando-lhe mais facilmente o interesse e o agrado.

Mas, para este fim ha ainda uma questão previa: a escolha de professores que possam fazer este ensino.

Porque da mesma maneira que a Escola, o professor não pode ser rigidamente o mesmo em toda a parte.

Deve ter, segundo o meio, uma preparação e uma orientação diversas.

E o professor do campo deve ser pela intelligencia e pelo coração um lavrador moderno.

Porque, para ensinar a bem cultivar a terra, precisa de a saber elle proprio cultivar bem.

E para a fazer amar, deve elle proprio tambem, sentir por ella um grande amor.

Interesses locais

A nossa estação

«—O sr. deputado dr. Vieira Ramos, solicitou do sr. ministro das Obras Publicas a elevação a 1.^a classe da estação ferro-viaria de Barcellos, em virtude do seu desenvolvimento progressivo. O sr. ministro accedeu ao pedido e na proxima reunião do conselho de administração dos caminhos de ferro do Estado vae ser feita a classificação em harmonia com o despacho ministerial.»

(Dos jornaes do Porto de 28 do corrente, em telegramma de Lisboa.)

EM os numeros 24 do 1.^o anno e 1 do 2.^o anno do *Barcellos-Revista*, nós mostramos a justiça que havia em ser elevada á cathogoria de 1.^a classe a estação ferro-viaria d'esta importante villa e a necessidade urgente de todos os homens, que perante as repartições do Estado dispõem de prestigio, solicitarem, com empenho, a ampliação do edificio da mesma estação, porque o actual é no seu todo acanhadissimo, e as suas dependencias não offerecem, pelo seu desconforto e insufficiencia, as necessarias commodidades.

O movimento, sempre crescente, da nossa estação do caminho de ferro e o seu rendimento proprio, são manifestações claras de que a nossa terra está tomando um elevado prestigio commercial, agricola e industrial, prova evidente de que é verdadeiramente justa a reclamação para que não só seja elevada á cathogoria de 1.^a classe a nossa estação, mas tambem para que urgentemente sejam ordenadas as obras da ampliação do seu edificio — obras essas que já foram estudadas e projectadas e que esperam, talvez, momento opportuno para a sua execução.

Não seria, talvez, devido a esta nossa propaganda que o nosso patricio sr. dr. Vieira Ramos se lembrou de pedir ao sr. ministro

das obras publicas a elevação da estação d'esta villa a 1.^a classe. E' porém certo que esse pedido coincidiu com essa propaganda e, se não estamos envaidecidos por ver realisada uma parte dos nossos desejos, certo é tambem que jubilosamente registamos o facto de ver que alguém commoço se interessou por um melhoramento que como nós achou justo, sendo assim ouvidas e attendidas, em parte, as aspirações do povo barcellense.

Por isso e como defensores sinceros, que temos sempre sido, dos interesses e melhoramentos locais, e ainda crendo interpretar o sentir de todos os que ambicionam as prosperidades de Barcellos, nós agradecemos ao sr. dr. Vieira Ramos a iniciativa que tomou de pedir ao sr. ministro das obras publicas este melhoramento, a que elle ministro parece ter accedido.

Mas não fiquemos por aqui. Vamos mais longe, porque as aspirações que todos temos, de virmos a possuir um edificio d'estação que esteja em relação com a importancia da nossa terra, não estão satisfeitas ainda.

Pedir, portanto, que, a seguir á elevação de cathogoria, sejam ordenadas:

- a) as obras de ampliação do edificio, que são tão necessarias como urgentes;
- b) a passagem, ou vinda a Barcellos, dos comboios *tramways* que ficam em Famalicão e que permittiriam maior concorrência de viajantes á nossa terra;
- c) um comboio semanal, ás quintas-feiras, o que contribuiria immensamente para o augmento da nossa já importante feira; e
- d) o mais que outras terras de importancia commercial, agricola e industrial muito inferior á nossa teem conseguido com o dispendio, simplesmente, da intervenção dos seus homens de importancia e boa vontade.

E' este o dever de todos os homens politicos da localidade que, se quizerem, todos unidos n'esse grande pensamento de trabalhar pelo bem da nossa terra, muito podem contribuir para as prosperidades de Barcellos.

Cartas á minha vizinha

IX

Uma palestra sobre Alexandre Herculano. — O que a Vizinha conhece da sua obra. — O que mais lhe interessava conhecer. — O que dirá um dia a seus filhos, de Herculano. — De como a Vizinha deve servir-se da vida e da obra deste grande portuguez para os educar. — A Vizinha ha-de ser acima de tudo mãe e educadora. — Herculano como defensor dos desprotegidos. — As Freiras de Lrvão e os Egressos. — A fraqueza e a covardia da nossa geração. — A lucta pelos principios. — A condição da belleza e do orgulho de viver.

Vizinha :

DEIXE-ME fallar-lhe um pouco de Herculano.

E' justo não é verdade ?

Hoje está todo o nosso paiz cheio do seu glorioso nome e todo o paiz accorda e se ergue, numa vibrante apothese, a esse grande portuguez.

Ora, Vizinha, a maior homenagem que nós podemos fazer-lhe, longe do bulicio das festas, na paz discreta das nossas casas, é estudar-lhe com um carinhoso cuidado a sua obra, ainda tão ignorada.

E, perdoe-me a audacia, eu não creio que a Vizinha conheça a obra de Herculano.

Leu talvez o Eurico, o Bobo ou o Monge de Cister ; e a sua delicada sensibilidade vibrou decerto muitas vezes, com a suprema belleza artistica dessas emocionantes paginas, soberbas de vigor, de emoção, de côr e de grandeza.

Chorou talvez com Eurico quando, na gruta de Covadonga, elle confessou a Hermengarda o longo martyrio do seu coração despedaçado, que em vão quizera esmagar de encontro ás suas vestes de sacerdote e á sua negra cota de guerreiro.

Commoveu-a decerto, de enthusiasmo, a voz do heroico e ingenuo Mem Bugalho, quando lançava energicamente em rosto aos nobres, os pesados vexames, as odiosas extorsões, as arrogantes insolencias que o pobre povo lhes supportava ; e teve um piedo-

so enternecimento pelos desgraçados e tristes *amores* de Egas Moniz.

Mas isso na obra de Herculano é pouco, é muito pouco.

E é preciso que, quando um dia seus filhos lhe perguntarem quem foi Herculano, a Vizinha lhes possa dizer como o seu esforço laboriosissimo e escrupulosamente honesto, como o seu genio de uma lucidez admiravel reconstituiu a parte mais obscura da historia da nossa patria.

E' preciso que possa descrever-lhe o que foi essa vida sem macula, e sem desvios, de uma austeridade estoica, posta sempre ao serviço de principios elevados e de causas nobres : nunca de baixos interesses.

E é ainda sob este ultimo aspecto que a obra de Herculano a interessa particularmente.

Porque é essencialmente sob o aspecto moral que a Vizinha deve mostrar Herculano a seus filhos e servir-se dos seus escriptos e do elevado e nobre exemplo da sua vida, para lhes incutir nos caracteres, ainda por formar : a rectidão, o sentimento energico do dever, a generosidade e a coherencia de conducta que tanto avultam na vida e nos escriptos de Herculano.

Mãe e educadora, é a si, Vizinha, que incumbirá o delicado cuidado de formar o character de seus filhos e são as suas mãos carinhosas que lhes vão modelar, no fragil barro da alma humana, o seu pequenino coração.

E' das suas mãos que elles hão-de sahir para a sociedade já *perdidos ou ganhos*, como dizia, na sua linguagem pittoresca, o velho Mousinho da Silveira.

Ora a vida de Herculano e muitas paginas da sua obra, são profundamente educativas. E, numa harmonia rara, os livros de Herculano reflectem, como num espelho claro, a rectidão, a severa seriedade, a integra honradez do seu auctor.

Lendo-os, colhe-se uma bella e vigorosa impressão de força moral, de sentimento do dever, e um sadio desejo de luctar corajosamente por boas causas.

Leia por exemplo a Vizinha : os dois curtos artigos sobre as freiras de Lrvão e sobre os Egressos, no tomo I dos *Opusculos*.

AU CLAIR DE LUNE

*Nas noites de triünfo e de noivado,
Que o luar branqueia e o roseiral perfuma,
Eu gosto de fitar, extasiado,
O deslizar fantástico da bruma.*

*Gosto d'ouvir canções melódias
E sinfonias místicas, ligeiras
Das arvores trementes, rumorosas
E das aguas cantantes das ribeiras.*

*Gosto da mansa paz, da branda luz
Que me encanta, enebria e me entenece
E me torna mais leve a negra cruz
Desta existência atroz que me entristece.*

*Presinto que mais vida em mim se espalha
E mais amor a alma me consola,
Ao ouvir a floresta que farfalha
Uns trinados da májica viola,*

*E o perfume das rosas orvalhadas
Que se entrecabrem ridentes, voluptuosas,
Como os labios das nossas namoradas
Quando de ternos beijos suspirosas,*

*Me vem entontecer suavemente,
Numa volúpia doce que fascina
A alma dos poetas—alma ardente,
Alma suprema, trágica e divina!*

Porto — janeiro — 1910.

*Eu gosto de sonhar d'olhos abertos,
Nas noites de luar, de lua cheia,
Com os sentidos claros e despertos
A irrarem pelo céu vago da ideia.*

*Enquanto triünfante o luar desce,
A coroar os braços das ramajens,
Eu subo mais veloz do que uma prece
Ao infinito vago das mirajens,*

*E vejo um porvir novo, triünfante,
Cheio de risos bons e puros beijos,
A surgir-me na curva não distante
Da mansa paz feliz dos meus desejos ;*

*E tenho convulsões e nervosismos,
Saudades, lembradas com amor,
Dos dias bons, das horas de lirismos,
Das fantasias trémulas da cor.*

*Eu gosto do silencio das aldeias,
Bem longe dos murmúrios enfadonhos,
Para voar ao mundo das ideias
Na espiral demoníaca dos sonhos.*

*Nas noites de triünfo e de noivado,
Que o luar branqueia e o roseiral perfuma,
Eu gosto de lembrar extasiado
As ilusões desfeitas como a espuma.*

VAZ PASSOS.

E lendo-os verá como pode dizer um dia a seus filhos, que Herculano foi um generoso defensor dos oprimidos e dos desgraçados.

Daquellas pobres monjas a quem as soturnas e pesadas paredes de um mosteiro abafavam a voz, cortada de soluços, enfraquecida pelos annos, pela fome, pelo soffrimento. Daquellas que foram iniquamente espoliadas dos seus bens pelo Estado e que o Estado abandonou.

A quem na velhice faltou o pão, o vestuário, o conforto e o amparo, tendo tido uma mocidade rica e feliz.

E que «nas longas noites de inverno, curvadas pela velhice e pela inedia se dirigiam ao côro, calcando quasi descalças as lageas

humidas e frias dos claustros solitarios; para que: se poupasse o dinheiro nas secretarias de Estado porque as botas envernizadas de Suas Excellencias deviam ranger mollemente, sobre um pavimento suave, e as suas cabeças, afogueadas por profundas cogitações, reclinarem-se em profundos espaldares.»

Dos frades expulsos barbaramente dos seus conventos, que mendigavam pelas estradas, e para quem Herculano pedia pão com estas nobres e generosas palavras:

«Pão para a velhice desgraçada! pão para metade dos nossos sabios, dos nossos homens virtuosos, do nosso sacerdocio! Pão para os que foram victimas das creanças,

minhas, vossas, do seculo, e que morrem de fome e de frio!»

E, lendo essas magnificas paginas, lendo-as mais tarde a seus filhos, poderá despertar-lhes esse generoso sentimento da defeza dos desprotegidos e ensinar-lhes a coragem de lutar por uma causa sancta, como essa.

Porque, Vizinha, a nossa desgraçada geração é formada quasi só de opportunistas, de interesseiros, de fracos. De creaturas que ou não têm principios ou não têm a coragem para os affirmar e realizar; que quando lutam é por interesse ou por paixão.

Por isso, Vizinha, diga a seus filhos, como Herculano, que: «o homem que vê o que elle viu em Lorvão e abafa no peito o grito de indignação ou é um malvado ou um covarde.»

Diga-lhes que affirmem sempre essa indignação bem alto, quando vejam uma iniquidade ou uma oppressão, fira ella a quem ferir; porque os principios devem sempre dobrar as conveniencias, os respeitos ou os interesses.

Diga-lhes que, sendo nobre e sancta a causa que defenderem, luctem sempre por ella com energia, com desassombro e com orgulho, sem fraquezas covardes e sem transi-gencias humilhantes.

Diga-lhes que despresem o torpe commo-dismo da nossa gente, as suas *conveniencias* hypocritas e conselheiraes e que pela belleza, pela verdade, pela justiça de um principio sacrifiquem nobremente a baixeza de um interesse.

E assim dará ás suas nobres almas a limpidez, a pureza de sentimentos, a consciencia forte do dever e a energia de o realizar, que hão-de tornar a sua vida bella e digna de ser vivida.

Na proxima carta continuará ainda a falar-lhe de Herculano,

o seu

Vizinho muito dedicado, mas :

Importuno.

Dos nossos prosadores

As Freiras de Lorvão

(A ANTONIO DE SERPA PIMENTEL).

MEU amigo. — Escrevo-lhe do fundo do estreito valle de Lorvão, defronte do mosteiro onde repousam as filhas de Sancho I; d'este mosteiro melancholico e mal-assombrado como as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados: escrevo-lhe com o coração apertado de dó e repassado de indignação. Descendo a examinar o archivo das pobres cistercienses, penetrei no claustro por ordem da auctoridade ecclesiastica. Lá dentro, n'esses corredores humidos e sombrios, vi passar ao pé de mim muitos vultos, cujas faces eram pallidas, cujos cabellos eram brancos. Esses cabellos nem todos o distinguiu o decurso dos annos: a amargura embranqueceu os mais d'elles. Quasi todas essas faces tem-nas empallidecido a fome. Morrem aqui lentamente umas poucas de mulheres, fechadas

n'uma tumba de pedra e ferro. Estas mulheres ouvem de lá, do seu tumulo, o ruido do burgo apinhado na encosta fronteira, e dividido do mosteiro apenas por um riacho. N'aquellas casas de telha-van, negras, gretadas, desaprumadas, com o aspecto miseravel da maior parte das aldeias da Beira, vive uma população laboriosa, que até certo ponto se pode chamar abastada, e a que, pelo menos, não falta o pão nem a alegria. No mosteiro sumptuoso, vasto, alvejante, com um aspecto exterior quasi indicando opulencia, é que não ha pão, mas só lagrymas. Lorvão é peor do que um carneiro onde se houvessem mettido vinte esquifes de catalepticos, sellando-se para sempre a lagea da entrada. O cataleptico, fechado no seu caixão, ouve, sente, tem a consciencia de que foi sepultado vivo. Nas trevas e na immobildade, o terror, a desesperação, a falta de ar matam-no em breve: a sua agonia é tremenda, mas não é longa. Aquí é outra cousa: aqui vê-se, por entre as grades de ferro, a luz do céu, a arvore que dá os fructos, a seara que dá o pão, e tudo isto vê-se para se ter mais fome. Todos os dias uma esperanza duvidosa e fugitiva atra-

vessa aquellas grades de envolta com os primeiros raios do sol: todos os dias essa esperança fica sumida debaixo das trevas que á tarde se precipitam sobre Lorvão das ladeiras do poente. Depois as noites de insomnia; depois o choro; depois, sabe Deus se a blasphemia!

Dez vezes que tenhamos lido o Dante, ao chegarmos á descripção da torre de Ugolino erriçam-se-nos sempre os cabellos. Mas Lorvão é uma torre de Ugolino. A differença está em que no carcere da *Divina Comedia* havia um homem forte de alma e

no meio da turba de montes que o rodeiam: imagine dezoito ou vinte mulheres idosas, mettidas entre quatro paredes humidas e regeladas, sem agasalho, sem lume para se aquecerem, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma, e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o presente e antevendo o futuro. Imagine o vento que ruge, a chuva ou a neve fustigando as poucas vidraças que ainda restam no edificio; imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lagrymas silenciosas das pobres cistercienses, e as ho-



UM ASPECTO DO RIO CAVADO

Cliché do snr. Joaquim Araujo.

Simili-gravura de M. Abreu.

de corpo, affeito á dôr e ás scenas de dôr: aqui ha dezoito ou vinte mullieres na idade decadente, que se affizeram na juventude aos commodos, aos regalos, e até ao luxo compatível com as condições da vida monastica. Lá o *fiero pasto* acabava, e depois morria-se rapido. Aqui não: aqui ha justamente quanto basta para prolongar por mezes e por annos o martyrio. Dir-se-hia que existe uma providencia infernal para que não falte ás freiras de Lorvão o restrictamente indispensavel para, lento e lento, se lhes irem os membros mirrando n'um longo expirar, debeis e senis.

Imagine, meu amigo, uma noite de inverno, no fundo d'esta especie de poço perdido

ras eternas que batem na torre. Imagine tudo isto, e sentirá accender-se-lhe no animo uma indignação reconcentrada e inflexivel.

Ha poucos dias passou-se em Lorvão uma scena tremenda. N'um accesso de desesperação, parte d'estas desgraçadas queriam tumultuariamente romper a clausura; queriam ir pedir pão pelas cercanias. Custou muito contê-las. Tinha-se apoderado d'ellas uma grande ambição; aspiravam á felicidade do mendigo, que póde appellar para a compaixão humama; que póde fazer-se escutar de porta em porta. Era uma vantagem enorme que obtinham. A sua voz é demasiado fraca, e os muros de Lorvão de-

Dos nossos poetas

SONETO

*Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos annos de tormento.*

*As altas torres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as sustinha:
Do mal, que me ficou, a culpa é minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.*

*Amor com brandas mostras apparece,
Tudo possível faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desaparece.*

*Estranho mal! estranha desventura!
Por um pequeno bem que desfallece,
Um bem aventurar, que sempre dura!*

(1) LUIZ DE CAMÕES.
(Dos Sonetos.)

(1) O nosso grande épico e o maior dos nossos poetas lyricos. — Genio enorme que, na phrase de Schlegel é, só por si, uma litteratura inteira. — Os seus sonetos, pela inimitavel perfeição da sua forma, pelo suave lyrismo, profundamente sentido, que os perfuma, são modelares e com os Luziadas são e porventura hão-de ser sempre as mais assombrosas creações da nossa litteratura.

masiado espessos. Gemidos, brados, prantos, tudo é devorado por esse tumulto de vivos. Ao menos, surgiam como Lazaro da sua sepultura.

Gemidos, brados, prantos, nada d'isso chega aos ouvidos dos homens que exercem o poder n'esta terra: nada d'isso os incomoda. Entretanto, se eu fallasse com elles, dar-lhes-hia um conselho. Talvez o ouvissem, porque a minha voz é um pouco mais forte que a das velhas freiras. Era o de enviarem aqui sessenta soldados, formarem as monjas de Lorvão em linha no adro da igreja e mandarem-lhe dar tres descargas

cerradas. Desapparecia, a troco de poucos arrateis de polvora, um grande escandalo, e resolvia-se affirmativamente um problema a que nunca achei senão soluções negativas, o da utilidade da força armada n'este paiz.

Sim, isto era util, porque era atroz; porque era uma festa de cannibaes; porque se gravava na mente dos homens; porque ficava na historia, como um padrão maldicto, para instaurar no futuro o processo d'esta geração. Mas não era infame, não era covarde; não era o assassinio lento, obscuro, atraídoado, feito com a mordança na boca das victimas. Corria o sangue durante alguns minutos: não corria o suor da agonia durante annos. Era uma scena de delirio revolucionario; mas não era um capitulo inédito para ajunctar aos annaes tenebrosos do sancto officio.

(Continua.)

A. HERCULANO.

(Opusculo Tomos I
Questões Publicas I).

A vida physica

O beijo e a hygiene.

A transmissão da coqueluche, diptheria, variola e scarlatina nas creanças, tem um poderoso auxiliar no beijo. Uma liga contra o beijo, fundada na cidade de Portalegre em 1900.

A fraqueza do organismo e a acção do microbio.

O medico deve ser um hygienista convicto.

O beijo, que faz parte integrante da saude feminina, é um problema gravissimo, para que a hygiene reclama energicas providencias.

E' principalmente nas creanças, que todos deveriamos combater o beijo, porque são ellas que mais sujeitas estão a doenças como a coqueluche, diptheria, variola, scarlatina e tantas outras; cujas primeiras manifestações, são secreções virulentas das mucosas: nasaes, pharinge, laringe ou ocular.

Estas secreções são d'esta forma bastante infecciosas, e espalhadas sobre as faces e labios, fazem d'estas regiões zonas perigosas, em que se opera a transmissão directa do mal, pelo menor contacto.

Apesar do contagio das diversas doenças ser nos adultos menos para temer, certo é que o proprio beijo, favorece muitissimo a propagação d'algumas, nos organismos mais depauperados.

Caso curioso, que attesta todas as nossas affirmações, deu-se em 1900 na cidade de Portalegre, onde as meninas da primeira sociedade, fundaram uma *liga contra o beijo*.

Era effectivamente esta resolução que deveria predominar na sociedade, acabando com uma praxe tão inutil' como perigosa.

Quantas vezes o beijo, que deve representar a amizade mais terna, se ha-de desprender dos labios com instinctiva repugnancia!

*
* *
*

Precisamos convencer-nos que os nossos organismos estão de tal maneira degenerados, que necessario se torna reagir contra todos os meios de contagio.

Todo e qualquer microbio, encontra n'um organismo debilitado, o meio mais favoravel ao seu desenvolvimento.

A observação mostra muitas vezes, como a seguir a uma fraqueza subita, produzida por qualquer causa anormal, nos sobrevêm doenças perniciosas.

Os microbios e germens pathogenios de todas as doenças, não nos faltam por toda a parte, e sobretudo nas grandes agglomerações de população; que espreitam um momento opportuno, para nos aniquillar. No meu entender direi tambem n'esta altura, que o medico não tem, na maioria dos casos, os cuidados hygienicos que deve ter com os seus doentes.

Preoccupa-se pouco com as medidas hygienicas, que devia prescrever para que não se desse o contagio da doença do enfermo, e ainda menos se preoccupa com a transmissão de novas doenças ao seu cliente; pois que até elle algumas vezes as leva ás suas habitações.

O organismo do doente, abatido como está, quando é prostrado por qualquer doença, encontra-se sempre nas melhores disposições, em aceitar sem grande reacção, qualquer microbio que possa ser introduzido inconscientemente por qualquer pessoa, nos seus aposentos.

Apresento como prova d'estas asserções, o facto de a uma doença sobrevirem outras, que não têm relação alguma com a primeira, e que só se poderiam dar pelo contagio.

L. M.



Chronica ligeira

ESTRANHANDO o *silencio* que á volta do centenario de Herculano se fez em Barcellos, rematei eu a minha passada chronica com um appelo em favor d'uma solemnisação local, que d'algum modo testemunhasse o interesse dos barcellenses por commemoração tão justa, da qual deve esperar-se os mais proveitosos resultados, pois nem tudo será *fogo-fatuo* e antes qualquer lição deve ficar, algum incitamento para que se procure imitar o inclito portuguez, no seu grande amor pela Patria, pela Verdade e pela Justiça. Lembro-me até de que fechei com o sonorrissimo verso de Alexandre da Conceição.

«A pé geração nova, a pé para o saúdar!»

Mas, qual quê! Nem os novos me ouviram! . . .

Verdade é que tambem o meu brado já saíu fóra de tempo e em epoca em que a animação e o alegre fragor das festas das Cruzes abafavam quaesquer outros gritos que não traduzissem essa especie de allucinação, que se apoderou dos barcellenses, nos jubilosos e felizes dias em que as galas mais opulentas vestiam a nossa linda villa e o seu entusiasmo ultra-vibrante circulava por toda esta encantadora povoação, agora outra vez reposta no placido socego da sua vida usual.

Mas, lembro-me agora, que, apesar de estar escrevendo em 11 de maio, estou sendo

altamente *premature* no referir das imponentes festas que tiveram o remate supremo da **Parada agricola**.

O leitor poderá suppôr que o estou *debi-cando*, quando lhe fallo em *precocidade* no alludir a um acontecimento *já realizado*. Pois illude-se. Eu digo-lhe a verdade e a coisa explica-se sem mesmo ter que attribuir-se, a *apparente* incongruencia, a effeitos perturbadores do famoso Halley.

E' que esta chronica deve dizer respeito á 2.^a quinzena d'abril. Ainda hontem um conspicuo redactor da *Revista*, me dizia: «Olhe a chronica. Ainda é a 2.^a d'abril».

Desarranjos de typographia que originam atrasos desculpaveis, sem duvida, mas que me levaram ao triste fiasco de bradar pelo centenario de Herculano, quando já ninguem me podia ouvir e agora me forçam a fingir-me na expectativa d'occorrencias já inteiramente terminadas; a ver ainda a commissão dos festejos talhar planos, delinear programmas, lamentar e discutir quando a sua obra já desapareceu depois d'uma exhibição completa; estar ainda a prever quando as impressões colhidas na contemplação dos factos a custo se reprimem! E' de mais, é até penoso!

Ainda se a quinzena me offerecesse outras recordações dignas de registo? Mas, qual!

Tirante os preparativos das festas, verdadeiramente, só o concerto da musica d'infanteria 8, realizado no Gil Vicente, chama a attenção do especulador de successos. Mas, realmente, esse concerto deve ter-se como um acontecimento d'alto destaque em o nosso meio.

A excellente banda que, sob a regencia do seu habil e sympathico maestro, tem atingido um grande valor artistico, fez um programma escolhido, a que deu a mais cabal e correcta execução. Deixou bem justificados os seus afamados creditos, fazendo bem sentir que, a par de grandes e bem palpaveis conhecimentos technicos, na batuta de Francisco Joaquim Ferreira, ha alguma coisa d'inspirado.

Foi o que pode chamar-se uma noite cheia.

A elegante sala d'espectaculos offerecia um lindo aspecto, vendo-se os camarotes re-

pletos de gentilissimas damas, enquanto uma grande multidão se premia em baixo, pela plateia, galerias e até pelos corredores.

Os applausos foram á parte espontaneos e vibrantes e até eu aqui os reedicto, mesmo á distancia de quasi um mez, já porque taes saudações nunca são demais para victoriar quem tanto sabe honrar a mais emocionante das bellas artes e ainda por poder rematar a presente chronica já desoppresso até satisfeito e alegre de poder referir uma festa d'arte que deixou as mais gratas e duradouras impressões.

M.



Candido da Cunha

HA pouco tempo ainda, dizia-se na *Arte*:

«E' no fervor d'um grande sentimento que se cria e educa um grande artista. Assim se creou Candido da Cunha, grande, sem embargo, não duvidemos, entre os da sua arte, elevando-nos nos seus proprios sonhos com uma seducção d'apostolo e uma mestria d'eleito...

A grandeza tem de procurar-se no caracter e elevação da emoção; a isso obrigam leis indeclinaveis da dignidade humana. E Candido da Cunha, poeta religioso, recebeu do destino, por fortuna sua e nossa, essa unção de grandeza.»

Candido da Cunha é barcellense: e a sua reputação como artista de raros merecimentos, feita exclusivamente pelo seu trabalho e pelo esforço do seu talento, conquistaram esses laureis honrosos que hoje envolvem o seu nome, collocado, sem favor, ao lado dos mais consagrados na sua classe.

Nos seus quadros destaca-se a viveza da expressão, um sentimento sublime a desenharse n'essas telas lindas, que apresentam, nitidamente, as paysagens soberbas que a Natureza nos mostra.

«Elle pinta como ninguem os esmorecimentos da luz, ás horas crepusculares em

QUADRAS DO NOSSO POVO

*Os meus olhos, mais os vossos
De longe se estão mirando
Os vossos dizem que sim
Os meus perguntam-lhe quando ?*

*

*O cabellino enraçado
Serve de toda a maneira,
De dia serve de gala,
A' noite de travesseira.*

*

*Amores de ao pé da porta
Ninguem os queira tomar,
São como os pintos de inverno,
Que sempre estão a piar.*

*

*Pelas alminhas te peço,
Dá devagar os teus passos,
Debaixo d'esses teus pés,
Anda a minha alma aos pedaços.*

que as sombras se alastram pelos campos », — disse-lh'o Joaquim Costa. E é verdade.

E' ver as suas telas, tão cheias de vida, tão nitidas na expressão, tão demonstrativas dos elevados meritos do artista que dia a dia vem conquistando novos triumphos e impondo-se até á admiração dos que tem a mesma arte por profissão.

Tarde, é certo, foi-lhe feita justiça ; que outra coisa não foi, senão homenagem ao talento do artista, a sua nomeação para professor de pintura na Academia de Bellas Artes do Porto.

Candido da Cunha não subiu sem meritos e sem motivo justificadissimo as escadas da arte e não galgou, tambem pelo ar, a collocar-se em logar de destaque : antes foi o seu talento que se impoz, antes foi o seu genio artistico que o impozeram para exercer aquelle logar na Academia de Bellas Artes.

Felicitamo-lo pois, por lhe ter sido feita justiça ; mas felicitamos-nos tambem, e immensamente, como barcellenses que somos, por ter presidido a essa nomeação os raros meritos de um nosso patricio.

Echos & Variedades

UM NUMERO SYMBOLICO

O numero 7 representa um grande papel no dominio cosmico e mystico.

Nós temos os sete dias da semana, as sete constellações da grande ursa, os sete sacramentos, as sete côres do sceptro e as sete notas da musica.

Certos espiritos attribuem uma grande importancia a este numero por julgarem que possui poderes occultos.

Coisa curiosa e digna de attenção : é impossivel converter um 7 á ultima decimal.

O numero 7 é, pois, d'algunha forma, uma porta para o infinito . . .

OS CRITICOS . . .

Os escriptores, auctores dramaticos e compositores de musica, não têm razão para se magoarem, hoje, com as criticas, mesmo as mais asperas e injustas que lhes possam dirigir.

O dr. Reibmary, n'uma obra recente, lembra exemplos famosos que os devem consolar.

E' o do celebre theorico de musica, Moritz-Hauptmann, que declara solemnemente a abertura do Tannhäuser, de Wagner : « incomprehensivel, enfadonha, horrenda ».

E' Sarti, que, no seu tempo, escreveu de Mozart : « A musica está condemnada a morrer se os compositores d'esta especie se metterem a querer compor ».

Isto deve consolar tambem os nossos impagaveis criticos ! . . .

UM CANHÃO QUE ABOLIRÁ A GUERRA

Simpson, o famoso inventor inglez, acaba de fabricar um canhão que, por meio de electricidade, poderá fazer percorrer os projecteis uma velocidade de 30:000 pés por segundo. Com este novo engenho, os inglezes poderão bombardear Paris estando tranquillamente em Londres. Mas por mais terrivel que seja este canhão, pelo proprio facto de sua força destruidora elle tornará a guerra impossivel.

VINTE MILHÕES DE ROLHAS POR DIA

O uso das rolhas vem de tempos remotos como o testemunham as excavações de Pompeia.

Nos nossos dias, porém, tomou um tal desenvolvimento que só a Grã Bretanha e suas colonias consomem 20 milhões de rolhas *por dia*.

As garrafas de Champagne empregam 40 milhões por anno. Mas o seu uso não se limita simplesmente ás garrafas.

A rolha tem tambem servido para fazer admiraveis obras d'arte: tal é o exemplar do *Don Quichote*, impresso em duas côres, sobre folhas de cortiça muito delgadas.

O DESPERTAR ARTISTICO NA TURQUIA

A Turquia desperta. Não se limita a conquistar a sua liberdade; manifesta tambem aspirações artisticas.

Temos uma prova evidente d'isso, no zelo com que o governo ottomano salvaguarda os objectos d'arte antigos, prohibindo, com regulamentos muito sevêros, o commercio de exportação de taes objectos.

Estas antiguidades não podem ser vendidas senão ao museu imperial ottomano. Se este gosto pelas coisas bellas se accentuar, Constantinopla poderá muito bem, no futuro, tornar-se um centro d'arte.

A BELLEZA ENTRE AS MALASIAS

Na península de Malacca, não se apreciam as cinturas delgadas, os labios rosados e os olhos avelludados. São os pescoços desmesurados que fazem o criterio da belleza. E quanto mais comprido fôr o pescoço mais a belleza é perfeita.

Afim de obter este effeito esthetico, os Malasios, desde o nascimento das filhas, applicam-lhes uma golilha que as obriga a ter a cabeça direita, desarticulando as vertebras e estirando as cartilagens.

Com as modas actuaes e os espartilhos modernos, não teremos a infelicidade de vêr semelhantes deformidades installar-se entre nós?

Registo

Recebemos e agradecemos:

A Aurora do Cavado, quinzenario litterario, bibliographo e politico sem politica, dirigido pelo nosso illustre collaborador, Dr. Rodrigo Velloso.

— Os primeiro e segundo numero do *Barcellos Moderno*, publicação mensal destinada á defesa dos interesses locais, a quem desejamos longa vida.

Theatro Gil Vicente

E' no domingo proximo, 15 de maio, que a Companhia Dramatica Lisbonense leva á scena, no theatro Gil Vicente, o drama extrahido do emocionante romance de Camillo, *Amor de Perdição*.

O drama, em si, é uma obra prima da litteratura portugueza, que inspirou ao sr. conselheiro João Arroyo a partitura da opera *Amore de Perdizione* que teve um exito enorme nos theatros de S. Carlos, em Lisboa, e na Opera, em Hamburgo.

E o nosso publico, attendendo não só ao drama mas tambem á Companhia, que immenso precisa do seu favor, deve concorrer ao spectaculo.

Brevemente a peça *João José*

EXPEDIENTE

Por esquecimento não dissemos, em o n.º passado, que os clichés das gravuras insertas n'esse n.º pertenciam: a da Parada Agricola, ao snr Luiz Ferraz; e a outra ao snr. A. Abreu,

— A noticia da nomeação do laureado pintor Candido da Cunha, sahio com alguns erros typographicos que por lapso de revisão se não puderam emendar a tempo.

— No artigo: Problema da Escola, onde se lê Herbert leia-se Herbart,